



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
FACULDADE DE HISTÓRIA

BEATRIZ COSTA DE SOUZA

**“O RIO QUE ESTÁ MORRENDO É NOSSO AVÔ”: UMA ANÁLISE DOS EFEITOS
DA MACRODRENAGEM NA MEMÓRIA E VIVÊNCIA NO TUCUNDUBA**

ANANINDEUA

2025

BEATRIZ COSTA DE SOUZA

**“O RIO QUE ESTÁ MORRENDO É NOSSO AVÔ”: UMA ANÁLISE DOS EFEITOS
DA MACRODRENAGEM NA MEMÓRIA E VIVÊNCIA NO TUCUNDUBA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de História, do Campus Universitário de
Ananindeua, da Universidade Federal do Pará,
como partes dos requisitos necessários à obtenção
do título de Licenciado(a) em História.

Aprovada em _____ de _____ de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francivaldo Alves Nunes - UFPA CANAN
Orientador

Prof. Dr. Adilson Junior Ishihara Brito – UFPA CANAN
Examinador interno

Prof. Dr. André Luis Assunção de Farias - UFPA
Examinador externo

Prof. Leandro Jorge de Barros Salles
Examinador externo

ANANINDEUA

2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, autor e consumidor da minha fé, que me fortaleceu e me concedeu capacidade e resiliência para chegar à conclusão do meu curso.

Aos professores da Universidade Federal do Pará, campus Ananindeua, do curso de História, deixo registrada minha sincera gratidão pelo conhecimento compartilhado ao longo da graduação. Em especial, agradeço ao meu orientador, professor Francivaldo Alves Nunes, pelo apoio constante, pelas orientações fundamentais e pela confiança depositada em meu trabalho.

Não poderia deixar de agradecer à minha família, minha base e sustento. À minha mãe, Denize Assunção Costa de Souza, que dedicou — e continua dedicando — tempo e esforço incansáveis à minha educação. Juntas vencemos as longas tardes de deveres de matemática e também muitos percalços. A ela, dedico minha eterna gratidão e carinho. Ao meu pai, Eufrázio José Barros de Souza, que, mesmo com o cansaço do trabalho diário, não media esforços para me levar de bicicleta até a escola, faça chuva ou sol, para que eu não perdesse nenhuma aula. Agradeço ainda à minha tia, Norma de Nazaré Viegas Costa, uma das muitas mãos que me guiaram até aqui, investindo na minha educação e despertando em mim o amor pela leitura.

São todos exemplos de fé, perseverança e dedicação, e fonte constante de inspiração para que eu nunca deixasse de acreditar no caminho da educação.

À minha turma, deixo registrado meu carinho por cada partilha e caminhada conjunta. Em especial, à colega Maria Clara da Silva Loiola, minha parceira em tantos trabalhos acadêmicos e também nas tardes de conversa após as aulas, sempre acompanhadas de um café reconfortante. Sua amizade foi um verdadeiro presente nesta trajetória.

Agradeço ainda ao meu amor e companheiro, Josué Pamplona da Silva, que esteve ao meu lado em todos os momentos desta etapa final. Seu firme apoio, sua presença constante e o acolhimento diante dos desafios me inspiraram profunda admiração e carinho. Seu incentivo foi essencial para que eu seguisse com determinação até a conclusão deste percurso. A ele, deixo expressa minha mais sincera gratidão e afeto.

Por fim, agradeço à instituição que me formou — a Universidade Federal do Pará —, que me possibilitou um universo de aprendizados e oportunidades para o meu crescimento pessoal, intelectual e profissional.

A todos os citados, minha mais profunda gratidão. Vocês foram fundamentais para que essa jornada fosse possível.

“O rio que está morrendo é nosso avô”: Uma Análise dos Efeitos da Macrodrenagem na Memória e Vivência no Tucunduba

Beatriz Costa de Souza

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal analisar as relações entre memória e pertencimento da comunidade localizada às margens do rio Tucunduba, após a implementação dos grandes projetos urbanos, mais precisamente as obras de macrodrenagem. A pesquisa estabelece um recorte temporal que abrange desde o início das obras até o momento presente. Para a realização deste estudo, adotou-se uma abordagem qualitativa, que permite considerar a complexidade da dinâmica social e a interação entre os sujeitos e o objeto de pesquisa. A análise foi fundamentada em conceitos como memória, consciência histórica, grandes projetos urbanos, diálogos de saberes e o pertencimento. A metodologia utilizada inclui a aplicação de entrevistas semiestruturadas com moradores das áreas impactadas e a observação do campo de pesquisa, visando captar as narrativas e percepções da comunidade sobre o uso social do rio. Foi possível concluir, que a comunidade teve sua vivência e cultura afetadas pela obra culminando na poluição e degradação socioambiental no espaço.

Palavras-Chave: macrodrenagem; cultura; memória; tucunduba.

Abstract

The main objective of this work is to analyze the relationship between memory and belonging in the community located on the banks of the Tucunduba River, following the implementation of major urban projects, specifically the macro-drainage works. The research establishes a time frame that covers the period from the start of the works to the present day. To carry out this study, a qualitative approach was adopted, which allows us to consider the complexity of social dynamics and the interaction between the subjects and the object of research. The analysis was based on concepts such as memory, historical awareness, large urban projects, dialogues of knowledge and belonging. The methodology used included semi-structured interviews with residents of the impacted areas and observation of the research field, with the aim of capturing the community's narratives and perceptions of the social use of the river. It was possible to conclude that the community had its experience and culture affected by the work, culminating in pollution and socio-environmental degradation in the space.

Keywords: macrodrainage; culture; memory; tucunduba.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 - Mapa da Bacia do Tucunduba	10
Figura 2 - Mapa do bairro do Guamá	10
Figura 3 - Manchete do jornal sobre o início da macrodrenagem	17
Figura 4 - Macrodrenagem da bacia do Tucunduba garante vida melhor na periferia	
Figura 5 - Foto com a legenda “Hoje o saneamento. Depois, uma vida mais digna”	19
Figura 6 - Obra de macrodrenagem do Tucunduba e uma região alvo dos alagamentos	21
Figura 7 - Centenas de palafitas construídas ao longo do Tucunduba	22
Figura 8 - Famílias começam a deixar o Tucunduba	24
Figura 9 - A região do Lago Verde recebendo as obras de macrodrenagem	25

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. IGARAPÉ TUCUNDUBA: INTERVENÇÕES SOCIOAMBIENTAIS DURANTE O TEMPO ..	9
1.1. Formação das periferias e urbanização: consequências ao meio ambiente	9
1.2. O Projeto da macrodrenagem e a política de urbanização.	12
2. MACRODRENAGEM: UM PROJETO DE CONTROLE DAS ÁGUAS	14
2.1. O discurso sobre a macrodrenagem nos jornais e nas mídias	14
3. “O RIO QUE ESTÁ MORRENDO É NOSSO AVÔ”: MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS AFETADAS PELA MACRODRENAGEM NO IGARAPÉ TUCUNDUBA.....	26
3.1. Memórias e relatos dos moradores	26
3.2. Dilemas e contradições: os problemas enfrentados após a implementação das obras de macrodrenagem.....	28
3.3. O rio que resta: memória e afetos da comunidade	31
CONCLUSÃO	32
ANEXO I – QUESTIONÁRIO.....	36

INTRODUÇÃO

A crise ambiental se tornou mais notória após a pandemia de COVID-19. Ficou evidente que os impactos ambientais, não foram os mesmos a todas as camadas da sociedade. Com isso, certa minoria, negra, pobre e periférica, sofre com mais intensidade os efeitos dessa crise. Os moradores localizados perto dos grandes projetos urbanos sofrem ainda mais impactos, como desmatamento, insalubridade das cidades e mudanças climáticas. Os grandes projetos urbanos impactam historicamente essas comunidades com danos ao implementar rodovias, portos e distritos industriais, e a modificação de patrimônios naturais como os rios, que são reduzidos e canalizados, reconfigurando seu uso social (FARIAS; MALATO, 2022, p 34). Este trabalho surgiu a partir da participação no projeto de extensão Jovens Educadores Ambientais (JEAM), coordenado pelo professor Dr. André Farias, do Grupo de Pesquisa da Amazônia (GPA), vinculado ao Núcleo de Meio Ambiente (NUMA/UFPA). As atividades desenvolvidas pelo projeto, sobretudo nas oficinas realizadas com estudantes do bairro do Guamá, contribuíram diretamente para a formulação das inquietações e objetivos desta pesquisa, ao promover uma escuta sensível das memórias e vivências locais em relação ao rio Tucunduba.

Diante dos problemas apresentados, o objetivo deste estudo é analisar e problematizar como os moradores das comunidades atingidas pelos grandes projetos urbanos são impactados histórica e culturalmente, as mudanças das práticas culturais da comunidade ao longo do tempo: permanências e apagamentos. A macrodrenagem, implementada com o discurso de “modernização”, “saneamento” e “melhoria de vida”, foi amplamente propagada pela mídia como uma solução definitiva para os problemas de alagamentos e saúde pública na região. No entanto, esse discurso oficial contrasta com a realidade vivenciada pelas populações atingidas, que passaram a conviver com o agravamento da poluição, a perda de vínculos com o rio, o reassentamento forçado e o esvaziamento de práticas culturais ligadas à água. A pesquisa busca responder à seguinte questão: como a macrodrenagem do rio Tucunduba afetou a memória, o pertencimento e a vivência das comunidades locais? A hipótese que orienta este estudo é que, embora a obra tenha promovido mudanças físicas no espaço urbano, ela também gerou impactos simbólicos, culturais e socioambientais que contribuíram para o esvaziamento das relações sociais com o rio.

Para tanto, adotou-se a abordagem de entrevistas semiestruturadas com moradores da comunidade próximo ao rio Tucunduba, para a realização de uma história oral com a finalidade de compreender a memória individual e coletiva dessa realidade social. A fundamentação teórica parte de autores como Michael Pollak e Pierre Nora, para discutir memória; Michel Foucault, sobre discurso e poder; e Ailton Krenak, com sua cosmovisão sobre a relação

ancestral com os rios. A análise também incorpora conceitos de ecologia política, urbanização periférica e disputas simbólicas nos discursos midiáticos. Para Krenak (2019), os rios, as montanhas e as florestas são parte constitutiva da existência, sendo o rompimento dessas relações um indício da crise civilizatória em curso. O título deste trabalho — “O rio que está morrendo é nosso avô” — dialoga diretamente com essa perspectiva, ao compreender o rio não apenas como um recurso natural, mas, sua destruição representa também o apagamento de práticas culturais e danos e riscos à memória. A análise também incorpora conceitos de Memória, Discurso e Macrodrenagem, sobre a óptica da Ecologia Política.

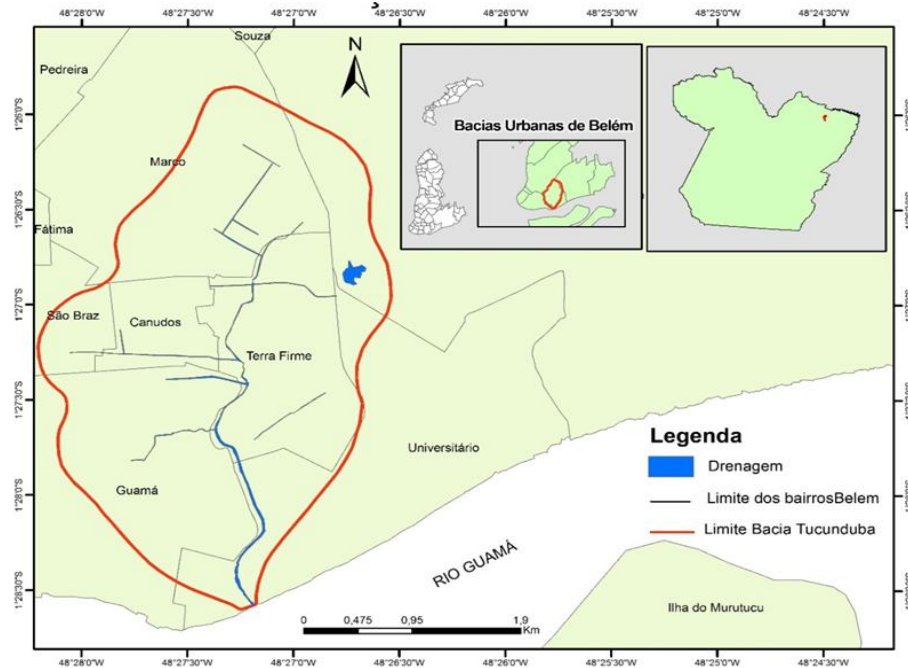
O trabalho está estruturado em três capítulos principais: o primeiro aborda a história de ocupação e urbanização da bacia do Tucunduba; o segundo discute a macrodrenagem enquanto projeto de controle das águas e analisa os discursos presentes na mídia; o terceiro apresenta os relatos dos moradores e analisa como a obra afetou sua relação com o território e com o rio. O intuito é contribuir para a construção de uma memória social plural e crítica sobre os grandes projetos urbanos na Amazônia.

1. IGARAPÉ TUCUNDUBA: INTERVENÇÕES SOCIOAMBIENTAIS DURANTE O TEMPO

1.1. Formação das periferias e urbanização: consequências ao meio ambiente

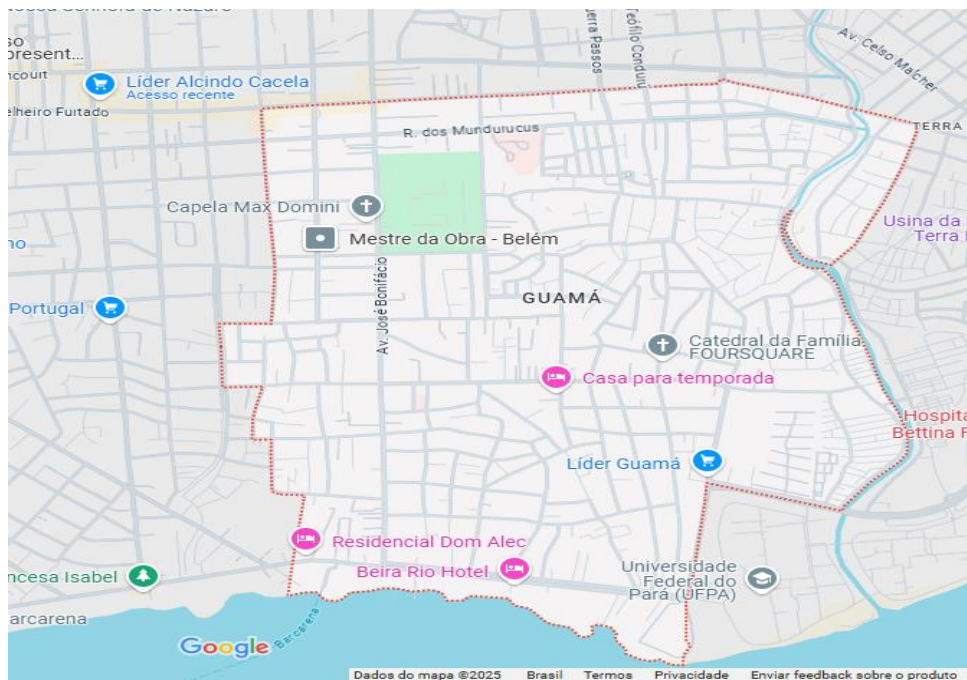
Belém foi fundada às margens do Rio Guamá e da baía do Guajará, por ser recortada por cursos de água. O contato com as águas sempre foi cotidiano e pertencente à sociedade amazônica, como bem destaca os estudos de Cleonice Meireles (2008), neste século, Belém era tão cheia de igarapés e igapós que a população era acostumada à vida trafegando pelos rios com barcos, percorrendo vários trechos em estreitos igarapés. Também usavam montarias que quase sempre eram dirigidas por um ou dois índios, para que pudessem atravessar as diversas enseadas, rios, igapós e igarapés (MEIRELES, 2008). Entretanto, as relações entre sociedade e seus rios sempre foram marcadas por dualidades e conflitos, um paradoxo das águas que ressalta as segregações e desigualdades às margens de nossos rios. Dessa forma, é importante compreender a relação entre as formações dos bairros periféricos, o processo de urbanização e as relações históricas da sociedade amazônica com o rio Tucunduba, bem como a construção da memória e identidade dos moradores que circundam o rio. Para este primeiro momento, será apresentado um panorama da história e formação do bairro do Guamá às margens do Tucunduba, bem como seu processo de urbanização, ressaltando as controvérsias desse processo e os frutos: a desassistência do poder público e os conflitos socioambientais.

Figura 1 - Mapa da Bacia do Tucunduba



Fonte: Base cartográfica – fotografia aérea de Belém, 2013, cedida pelo sipam. Sistema de projeção UTM. Datum SAD 69. Org: Silva 2017.

Figura 2 - Mapa do bairro do Guamá



Fonte: Google maps.

Os mapas apresentados nas Figuras 1 e 2 têm como finalidade situar geograficamente o rio Tucunduba e evidenciar a área por onde ele perpassa, com destaque para o bairro do Guamá, um dos principais territórios impactados pelas obras de macrodrenagem. Através do Mapa da Bacia do Tucunduba (Figura 1), observa-se a extensão do curso d'água e sua integração com

diferentes bairros da cidade de Belém, permitindo a visualização de sua importância territorial e ambiental. Já o Mapa do bairro do Guamá (Figura 2) oferece uma delimitação mais precisa da área urbana diretamente afetada, possibilitando a análise das transformações espaciais decorrentes das intervenções no rio.

O bairro do Guamá, situado em uma região historicamente marginalizada pelo poder público, apresenta características de alta densidade populacional e vulnerabilidade socioambiental. Com uma extensão aproximada de 2,5 km², abriga uma das maiores populações por metro quadrado da capital paraense, e sua relação com o rio é marcada tanto pela dependência socioeconômica quanto pelos processos de exclusão urbana. A leitura desses mapas é fundamental para contextualizar a localização dos relatos, a distribuição espacial dos impactos e a dinâmica entre território, memória e intervenção urbana que atravessa este estudo.

Na primeira metade do século XIX, o centro urbano limitava-se ao bairro que hoje é conhecido por Cidade Velha. As áreas seguindo a estrada de Nazaré, eram compostas por matas adensadas e cobertas pela floresta tropical, com árvores naturais do ecossistema amazônico, como por exemplo, a árvore de Tucum, que por sua expressiva quantidade, nomeou o rio Tucunduba (RAMOS, 2002). Desse modo, perpassa pela cidade de Belém, muitos cursos d'água, onde se desenvolveu atividades econômicas como a agricultura e o extrativismo. Esse espaço era marcado pela presença de Igarapés (PENTEADO, 1968).

No caso da formação do bairro do Guamá, foi possível através da catequização dos Indígenas Tupinambás. Sua ocupação inicial se deu com índios, tapuios, negros e mestiços, que moravam no espaço e nas matas vizinhas (DIAS, JR., 2009). As margens da bacia do Tucunduba eram de ribeirinhas, com uma diversidade de árvores e animais, o que dificultava seu acesso a pé, o que favoreceu o transporte feito por canoas e montarias. A população utilizava o rio como espaço de atividades de lazer e subsistência, partilhando do cotidiano em contato com a biodiversidade e com as águas. Silva e Rocha, apontam que a ocupação do rio não se trata apenas de domínio econômico e político, mas uma apropriação simbólica, que os atores sociais lutam historicamente para o uso do espaço (SILVA, ROCHA, 2019) para a população que circunda o rio, o Tucunduba é culturalmente um espaço de lazer, moradia e alimentação

Por sua localização afastada do centro urbano, e pela população que consistia majoritariamente por negros e mestiços, o espaço foi alvo de construções que exemplificavam a ausência do poder público e a exclusão social realizada pelo Estado. Entre os anos de 1814 e 1816, se construiu na fazenda Tucunduba, o primeiro leprosário da Amazônia, posteriormente chamado de Hospital dos Lázaros do Tucunduba, um espaço de reclusão para hansenianos, mendigos, doentes mentais, escravos e vítimas das epidemias da época, como varíola e febre

amarela. Nas proximidades do leprosário também foi construído um cemitério, o Santa Izabel, para que pessoas menos abastadas pudessem ser enterradas (MACEDO,2008).

Cemitérios e hospitais sanatórios eram construídos fora das cidades, longe dos centros, onde eram destinados os desvalidos e segregados da sociedade. Por se tratar das áreas periféricas, e às margens dos centros, o bairro não dispunha de investimentos em infraestrutura ou políticas públicas, com o crescimento de moradores sem que houvesse estruturas para atender a demanda dos mesmos. Isso é notório com a virada do século XIX para o XX, no período áureo da borracha, o qual a cidade começou a ser “embelezada”, estabelecendo uma política de segregação socioespacial, com a justificação de um discurso higienista, que a entendia que a cidade deveria estar “limpa e bonita” de mendigos, sujeira, doenças e outras mazelas, e para afastar os doentes e desvalidos, o governo vigente na época, construiu, bem longe da cidade, casas de saúde e asilos (MACEDO,2008, apud, FERREIRA,1995). É notável que desde a fundação do bairro, os moradores que são destinados a esse espaço, sofreram um processo de marginalização e estigmatização, ao serem pessoas indesejáveis para uma elite econômica localizada nos grandes centros urbanos de Belém e empurrada para viver um espaço às margens do centro urbano.

1.2. O Projeto da macrodrenagem e a política de urbanização.

A falta de políticas públicas e de assistência ao bairro em um processo de exclusão e marginalização dessa população, promoveu um crescimento desordenado, causando impactos na relação socioambiental do espaço. No final do século XIX e início do século XX, a região amazônica passaria por um intenso processo de urbanização, as cidades sofrem um inchaço populacional, devido à reorganização e reestruturação socioprodutiva, advindas do processo de industrialização e urbanização. Baseados no ideal de progresso, desenvolvimentismo nacionalista, os governos vigentes buscam o avanço de fronteiras, como os espaços amazônidas (PINHO, 2019).

Cleonice Macedo (2008) analisa o momento, aqui citado anteriormente, ao ressaltar que a urbanização na Amazônia, não se deu por atividades industriais, mas por um processo econômico e de expansão do capitalismo. A abertura de grandes rodovias como a Belém-Brasília, Transamazônica e a concessão para Grande Projetos e Empreendimentos econômicos, proporcionaram a migração de trabalhadoras, e também a migração para pequenas cidades, especialmente as capitais. O Estado, em uma política desenvolvimentista, impôs à região forma organizacional que não priorizou os interesses da população regional, ao contrário, prejudicou a organização das culturas tradicionais e de pequenos agricultores, implantando Grandes Obras, que reorganizaram e modificaram o espaço urbano (MACEDO, 2008).

A periferização da capital, a partir dos anos 1960, promoveu um amplo crescimento populacional em Belém, devido à ausência de um planejamento urbano pelo poder público, ocupou as áreas de várzea, alagáveis ou a beira do igarapé, formando assim as baixadas sem nenhuma infraestrutura e causando degradação ambiental. Essas áreas de ocupação se deram por imigrantes e trabalhadores rurais, que vinham em virtude de melhores oportunidades de emprego e renda. Rudá Pinho (2019) chama de “estratégia de sobrevivência” a formação das baixadas, que pela falta de estrutura e condições do poder público, a população precisou usar de novas técnicas para se organizarem socialmente. As áreas de mata começaram a ser invadidas e os igarapés começaram a ficar poluídos, onde eram utilizadas as águas para o lazer, trabalho e agricultura (Como o caso do Igarapé Tucunduba). A expansão da cidade, e a urbanização se deu de forma excludente e segregacionista. Levando a pessoas desprovidas de poder aquisitivo para as margens e periferias, instalando-se em lugares insalubres e sem saneamento. O governo vigente, desconsiderando as vivências e a relação dos amazônidas com o rio, impondo sua lógica mercantilista.

Ponte e Brandão (2014) discutem o surgimento de canais artificiais a partir do século XX. A racionalização diversificada do uso da água e as formas de uso simbólico e material da água, foram estruturando um território segmentado, onde a ocupação de terras mais “qualificadas” demonstrava a estratificação socioeconômica de sua população. Ou seja, a formação das periferias e o centro da cidade, foi ao redor de terras mais ou menos “qualificadas” tecnicamente. Com as deficiências da atuação do poder público e políticas públicas, as áreas de várzea, como nas proximidades do rio Tucunduba, foram ocupadas por famílias pobres devido à desvalorização do capital e terras ambientalmente frágeis. A configuração desta ocupação, das áreas de várzea, se mostra uma expansão populacional não acompanhada de planejamento urbano. Com isso, a formação do bairro, às margens do Tucunduba, se mostra um espaço de segregação social e ausência de políticas públicas, que culminou em vulnerabilidade à população local, com situação precária de saneamento básico e degradação do meio ambiente. Com a ocupação desregular nas margens do rio, o desmatamento das margens, a erosão e o assoreamento, assim como o descarte irregular de resíduos, prejudicam a capacidade de contenção das águas do Tucunduba, causando alagamentos e problemas à saúde da população (PONTE, BRANDÃO, 2014).

Nesse sentido, isso levou à conversão dos cursos d’água em canais de drenagem. Ponte e Brandão, afirmam que as intervenções e infraestruturas em Belém, são historicamente racionalizadoras, como o processo de macrodrenagem, que intervém na hidrologia do local, buscando o controle de seus fluxos, para estabelecer procedimentos comerciais de controle de

tempo e vida. Ou seja, buscam disciplinar não apenas os rios, mas da terra, visando preferencialmente áreas precárias. As obras de macrodrenagem, seguem uma lógica mercantilista, que visa o lucro e a comercialização de áreas precárias, sem considerar o uso da água de forma simbólica pela comunidade que circunda o rio, sem considerar as relações socioculturais e cotidianas da população com o rio (PONTE, BRANDÃO, 2014).

Desse modo, é possível concluir, considerando as políticas de macrodrenagem, que os processos históricos de intervenções socioambientais no rio Tucunduba remontam desde o período de formação de Belém e do Bairro do Guamá. O espaço foi formado para atender a camada segregada dos grandes centros urbanos, que constitui sua moradia às margens do rio Tucunduba, de forma desordenada e sem o atendimento do Estado e políticas públicas. Devido a esse crescimento desordenado, as águas do rio Tucunduba foram poluídas, bem como a população começou a enfrentar problemas de saneamento básico, como enchentes e doenças. Logo, os veículos de notícia e o Estado, propagaram a Macrodrenagem como a solução dos infortúnios da população em relação aos problemas estruturais do bairro, baseados em uma perspectiva de “civilizar”, “modernizar” e “urbanizar” as “baixadas” de Belém, sem considerar as relações culturais e sociais com o rio. Desse modo, a macrodrenagem é uma forma de controle das águas legitimado pelos veículos de notícias bem como o Estado e é de suma importância compreender como as mídias e os discursos, movem uma realidade simbólica para o leitor, que privilegia um certo grupo social em detrimento do outro.

2. MACRODRENAGEM: UM PROJETO DE CONTROLE DAS ÁGUAS

2.1. O discurso sobre a macrodrenagem nos jornais e nas mídias

Ao longo do processo de ocupação do espaço urbano de Belém foram realizadas intervenções de drenagem urbana em busca de melhorias no saneamento, onde acabou priorizando a transformação dos cursos d’água naturais em uma rede técnica, parte de um sistema de macrodrenagem. Os noticiários da época sinalizaram a canalização como uma “melhoria” para a “baixada” e a solução para os alagamentos na região. Porém a deficiência no tratamento dos esgotos domésticos contribuiu para que os dejetos e águas residuais fossem direcionados para os cursos d’água.

A Bacia do Tucunduba passou por diversas intervenções a partir da década de 1990, com forte participação de órgãos públicos e instituições de pesquisa. Em 1991, a Prefeitura Municipal de Belém (PMB) iniciou o “Projeto Básico de Aterramento de Áreas Urbanas Alagadas”, visando a melhoria da drenagem urbana, especialmente no bairro do Marco, sob execução da Secretaria de Saneamento – SESAN. Em 1997, foi lançado o “Projeto Tucunduba: dragagem e revestimento do Canal”, ampliando as ações de infraestrutura urbana e saneamento.

Contudo, falhas técnicas levaram a uma reavaliação, e em 1998, a PMB solicitou à Universidade Federal do Pará (UFPA), com apoio da Fundação de Amparo e Desenvolvimento da Pesquisa (FADESP), a elaboração de um novo plano, que resultou no Projeto de Recuperação e Urbanização da Bacia do Tucunduba (PRUBT). O projeto contou ainda com a parceria da Caixa Econômica Federal (CEF) e envolvimento de lideranças comunitárias e entidades não governamentais. Em 1999, a antiga Secretaria de Desenvolvimento Urbano (SEDURB), junto à SESAN e à CODEM, conduziu estudos para reassentamento de famílias e continuidade da macrodrenagem, com financiamento do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS). As obras utilizaram soluções sustentáveis, como taludes gramados, e reforçaram o compromisso com a navegabilidade, o meio ambiente e a inclusão social (SILVA, 2016).

Contudo, ao longo dos anos, o que perpetuou foi a lógica mercantilista e econômica que não leva em consideração as questões sociais, ambientais e culturais, em detrimento da “modernidade” e do valor monetário. Essa lógica de intervenção, no entanto, tem raízes mais antigas e está fortemente vinculada ao pensamento higienista¹ que ganhou força em Belém durante a Belle Époque. Esse pensamento era expresso através de médicos, engenheiros e redatores de jornais, uma preocupação com as águas da cidade e sua estagnação. Nesse sentido as águas eram vistas como “portadoras do mal”, ou seja, de doença ou morte (ALMEIDA, 2010) no decorrer dos anos oitocentos, engenheiros, operários e trabalhadores foram mobilizados para a drenagem dessas águas e obras de escoamento. Logo se propagou o predomínio desse modo de pensar de que as águas eram portadoras de doenças e enfermidades fatais. Para vários moradores da cidade, que almejavam enquadrar Belém nos ditames de progresso e civilização, os rios e igarapés não ornavam com a cidade que queriam construir, pelo contrário, eram propagadores de doenças e enfermidades e, portanto, era de suma importância o processo de canalização para a ocultação das águas dos olhos dos habitantes (ALMEIDA, 2010).

Os veículos de notícia como os jornais foram importantes disseminadores dessa narrativa. Como percebemos nesse trecho do Jornal O liberal:

Cheia de mato e lixo, exalando mau-cheiro o tempo todo, a água da baixada provoca a proliferação de mosquitos. As doenças que atacam a população infantil, como diarreia e febre, são constantes. "Atualmente estamos tendo um surto de catapora aqui", denunciou a moradora. Preocupados com a situação, os dirigentes dos centros comunitários São João Batista, União de Todos, Santa Rosa, Fé em Deus e também a Associação de Microprodutores, que atuam naquela área, elaboraram um documento reivindicatório, encaminhado ao prefeito Sahid Xerfan e a alguns de seus secretários, na semana passada. No documento, assinado por quase todos os moradores são

¹ Os médicos sanitaristas, pensando na saúde individual e no saneamento das cidades que, por conta das epidemias de doenças virais – como exemplos a febre amarela, tuberculose e varíola - criam normas de comportamento fundadas em teorias pseudocientíficas de supremacia racial. Achavam que tais doenças eram causadas por padrões sociais inadequados, geralmente atribuídos à população mais pobre (COSTA, 2020)

pleiteados a recuperação das pontes a colocação de aterro onde for possível e a continuação do canal, como havia sido projetado até o Tucunduba (O LIBERAL, 28/03/1989, pp 30).

Ao articular a análise do discurso aos estudos da mídia, percebe-se que o discurso empregado nos canais de notícia e no campo midiático, constitui-se uma prática discursiva, que estabelece sujeitos e objetos. Os efeitos dessa construção discursiva se destacam nas tramas de sentidos que os jornais tecem no campo social. Esses agenciamentos do discurso controlam, delimitam, classificam e ordenam os acontecimentos, formando a ilusão de “unidade” no sentido do discurso. Os textos da mídia oferecem, não a realidade, mas uma construção que permite aos seus leitores produzir formas simbólicas da realidade (GREGOLIN, 2007).

Na parte destacada do jornal, percebe-se a articulação de palavras para a descrição dos problemas relacionados às doenças que atingem a população, atribui às doenças às “águas da baixada”. Ao reproduzir esse discurso, reforça a ideia de que as águas eram sinônimo de doenças, sujeira e causadora de doenças. A memória está em constante disputa, principalmente nos canais midiáticos, pois o levantamento da memória está inscrito em vários enunciados de disputas de poder (SEIXAS, CASTRO, 2014) ao associar o rio como o problema, evoca uma memória manipulada de que suas águas são a “origem” das enfermidades, e não como o abandono estatal e da falta de saneamento básico (ALMEIDA, 2010)

Para solucionar os problemas de saúde enfrentados pela população, bem como os alagamentos, era preciso uma forma de controle dessas águas, como pode ser analisado nessa reportagem do “Jornal do Pará” que tem por título “Saneamento traz dignidade ao Tucunduba”.

Nos últimos meses os moradores da área do Igarapé Tucunduba têm passado por mudanças profundas. As antigas palafitas e a falta de saneamento básico já são coisas do passado. Hoje os moradores das comunidades Riacho Doce e Pantanal, atingidos pela primeira etapa da macrodrenagem na bacia do Tucunduba vivem condições mais dignas (JORNAL DO PARÁ, 2004, pp 8).

O jornal apresenta a macrodrenagem como sinônimo de saneamento básico, um saneamento que se apresenta como a solução dos problemas relacionados à dignidade e a mudanças. Ao discutir sobre “jornalismo e poderes”, Ciro Marcondes Filho (2009) apresenta em sua obra como cada jornal apresenta seus interesses, que vão das esferas particulares até os políticos e das classes aos quais o veículo está ligado. Ou seja, cada jornal dá eco a suas posições pessoais, de classes ou de nações. “É um complexo industrial tecnológico que além de preservar uma suposta impessoalidade, afirma-se pelo poder e soberania, como verdade (MARCONDES FILHO, 2009). O jornal “Diário do Pará” foi criado em 22 de agosto de 1982 pelo atual senador, Jäder Barbalho, filiado ao Movimento Democrático Brasileiro (PMDB-PA) para dar sustentação a sua carreira política, que estava iniciando na Época (SEIXAS, CASTRO, 2014).

A reportagem acima evidencia a macrodrenagem como um projeto “salvífico” para a população, pois se trata de uma obra iniciada pelo político, como o mesmo publicou em sua rede social do Facebook, em 2020.

No meu primeiro governo, na década de 80, investi nas áreas de baixadas de Belém, com construção e reconstrução de 220 Km de pontes, água encanada, iluminação pública e outras melhorias. No segundo governo, na década de 90, saneei as dívidas do estado, consegui financiamento do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) e iniciei as obras da Macrodrenagem, cujo projeto original, infelizmente, não foi obedecido e concluído, posteriormente.

Figura 3 - Manchete do jornal sobre o início da macrodrenagem em 22/12/93



O governo do Estado do Pará, através da Companhia de Saneamento do Pará-Cosampa, e contando com a participação da Prefeitura Municipal de Belém-PMB, assinou juntamente com a Estacsa S/A e com a Andrade Gutierrez, vários contratos para início das obras de macrodrenagem da Baía do Una nas áreas de baixadas da grande Belém, que irão beneficiar mais de 500 mil pessoas, das quais 180 mil moram em áreas alagadas. O projeto foi financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento-BID, na ordem de 145 milhões de dólares; o governo do Estado em contrapartida entrou com 80 milhões de dólares. A macrodrenagem atingirá nove bairros de Belém. O governador Jader Barbalho falou em seu pronunciamento que este não é um projeto de saneamento, mas sim de reurbanização de Belém que inicialmente atingirá 60 por cento da área metropolitana da capital.

O contrato de financiamento com o BID foi assinado, em Washington, pelo governador Jader Barbalho, no dia 27 de janeiro de 93. Através dele serão implementadas obras de macrodrenagem compreende a execução das seguintes obras: 40,780 km de coletores em galerias tubulares de concreto armado, com diâmetro entre 400 e 1.200 mm; 6.183 km de coletores em galerias celulares de concreto armado, com seção compreendida entre 1,50x1,50 e 2,00x2,00 metros; 19,26 km de ramais coletores de bocas-de-lobo, em galerias tubulares de concreto armado de 300mm de diâmetro; 903 poços de visitas e 2.202 bocas-de-lobo; 90,750 km de canteleiras para drenagem do interior das quadras; 1.186 coletores; e 19.500km de sarjetas de concreto para as vias asfálticas.

INFRA-ESTRUTURA

O loteamento será beneficiado com serviços de infraestrutura básica e de lazer, que foram planejados a partir de discussões com a comunidade através do Comitê Assessor. Desta forma o loteamento terá: água potável, energia elétrica, esgoto sanitário, drenagem pluvial, coleta de lixo, sistema viário, onde haverá vias principais, transversais e toda uma ligação com o sistema viário externo, através do prolongamento até a

ASSINATURAS

A assinatura dos contratos para execução das obras foram as seguintes: lote 1 - sub-bacias 1, 4 e 5, onde serão empregados 59.073.767 de dólares. Assinaram este primeiro contrato o diretor-presidente da Cosampa, Valério Vinagre, diretor administrativo da Cosampa, Arlindo Teixeira, e o representante da empresa Andrade Gutierrez, Ilamar Vilça de Oliveira; o lote 2 - sub-bacias 2 e 3, serão em-

o governador Jader Barbalho fez uma pequena lembrança do projeto de passarelas de 230 km nas áreas de baixadas de Belém. Ele disse que apesar de ter ficado feliz, sabia que era apenas uma medida provisória, mas que não iria resolver o problema. Ele agradeceu a colaboração de muitas pessoas como a de Dom Vicente Zico, arcebispo metropolitano de Belém que enviou-lhe uma carta mostrando a sua preocupação com a população carente. Ele disse que sem a colaboração do BID, das empresas com a Estacsa, Andrade Gutierrez e Cosampa e outras em mais que ajudaram o governo do Estado, não se conseguiria tornar realidade o projeto de macrodrenagem. Ele fez questão de ressaltar que graças a esses esforços é que entre os quatro projetos que foram aprovados pelo BID, o de Belém foi um dos escolhidos.

ENTENDIMENTO

O governador disse que se não houvesse empenhamento entre o governo do Estado e a Prefeitura Municipal de Belém este projeto não sairia. Ele disse que

Jader Barbalho ressaltou a importância do projeto

Fonte: Biblioteca do Centur, 2025.

Por ser obras iniciadas pelo Jader Barbalho, o discurso jornalístico busca promover as obras de macrodrenagem como melhoria, urbanização, progresso e o “resgate” das baixadas, uma forma “digna” de moradia. Há aqui uma implicação moral acerca do processo de moradia às margens do Tucunduba. Para Foucault (2012) as verdades são produzidas discursivamente ao longo da História, o saber, construído como, apresentar a macrodrenagem como a solução dos problemas de saúde e de saneamento e como forma de melhorias de vida e “urbanização, a verdade está diretamente relacionada ao poder. Ou seja, no discurso do jornal em questão, para além de privilegiar um grupo social, há uma manipulação da “verdade” onde se solidifica o poder.

Figura 4 - Macrodrenagem da bacia do Tucunduba garante vida melhor na periferia em 26/12/2004



MACRODRENAGEM DA BACIA DO TUCUNDUBA GARANTE VIDA MELHOR NA PERIFERIA

Fonte: Biblioteca do Centur, 2025.

E esse ideal “salvífico” de progresso e modernidade estão presentes em outros jornais com a matéria, como a do jornal “Província do Pará”, onde a macrodrenagem é apresentada como solução definitiva dos problemas de alagamentos na cidade, utilizando a bacia do Tucunduba como modelo bem-sucedido.

Solução definitiva problema, segundo Noronha, virá somente com a macrodrenagem da bacia do Una porque fora isso seria uma medida paliativa tal a gravidade da situação da área A exemplo dos canais São Joaquim da Marinha da nova Marambaia Bengui água cristal Soares Carneiro Visconde Antônio baena Boaventura 3 de maio Antônio Nunes Honorato Filgueiras canal do Pirajá é o braço da bacia do Una a maior de todas as três existentes em Belém (Tucunduba Estrada Nova) por essa razão só com a macrodrenagem que permitirá abertura e retificação melhoramento dos 22 32 de 50 km de canais de drenagem existentes em Belém (A PROVÍNCIA DO PARÁ, 18/01/1994, pp 9).

Logo, a macrodrenagem é tratada como uma medida de urbanizar e sanear a “baixada” e por muitas vezes é tratada como única medida é sinônimo de urbanização pelo discurso utilizado pelos jornais do período. A ausência de alternativas no discurso jornalístico, como a revitalização dos rios e soluções ambientais integradas, evidenciam a visão tecnocrática e excludente do planejamento urbano. Mas a medida propagada pelo jornal como solução “definitiva” aos alagamentos em Belém, se mostrou ineficaz. A leitura científica sobre os casos em Belém, mostra falhas nas concepções e também elaboração desses projetos, que são considerados antagônicos ao planejamento urbano que busca estar em consonância com áreas verdes e serviços ecossistêmicos. Bem como os projetos são bem limitados em relação às microdrenagens, não solucionando o problema dos alagamentos. (ROCHA, SOARES, SOARES, 2024).

Figura 5 - Foto com a legenda “Hoje o saneamento. Depois, uma vida mais digna” em 22/12/1993



Fonte: Biblioteca do Centur, 2025.

Sobre a análise desses projetos, no Plano Municipal de Saneamento Básico da Prefeitura de Belém, do ano de 2010, estuda as obras de macrodrenagem, bem como urbanização da cidade. E ressalta a macrodrenagem do Tucunduba como benefício para a população ao ressaltar o benefício a “mais de 40 mil famílias de baixa renda na periferia de Belém” (BELÉM, 2010). Porém, no mesmo documento, ressalta os diversos problemas estruturais, nos sistemas de micro² e macrodrenagem. Se apresentando insuficientes em termos de cobertura e também por necessitarem de manutenção para manter ou recuperar sua funcionalidade” (BELÉM, 2010, p 41). Em relação às macrodrenagens do Tucunduba aparece como um dos rios sujeita a alagamentos por causa das intervenções em seu leito, onde também é ressaltado o assoreamento e o acúmulo de resíduos no seu leito, devido ao lançamento de esgoto em suas águas, causando degradação ambiental. O documento atribui a causa da poluição ao comércio presente nas margens de seus rios (BELÉM, 2010, pp 147) como a ocupação desordenada do território na década de 70. O projeto enfrenta diversos problemas técnicos devido a escolha de soluções artificiais que impermeabilizam o solo, prejudicando a ecologia local, e desconsiderando a vivência e os saberes da população.

² O sistema de microdrenagem corresponde ao sistema integrado viário-micro drenos (sarjetas, bocas coletoras, grelhas, galerias de águas pluviais, poços de visita, coletores). A principal função do sistema de microdrenagem é coletar e conduzir a água pluvial até o sistema de macrodrenagem, além de retirar a água pluvial dos pavimentos das vias públicas, evitar alagamentos, oferecer segurança aos pedestres e motoristas e evitar ou reduzir danos (TUCCI, 2012).

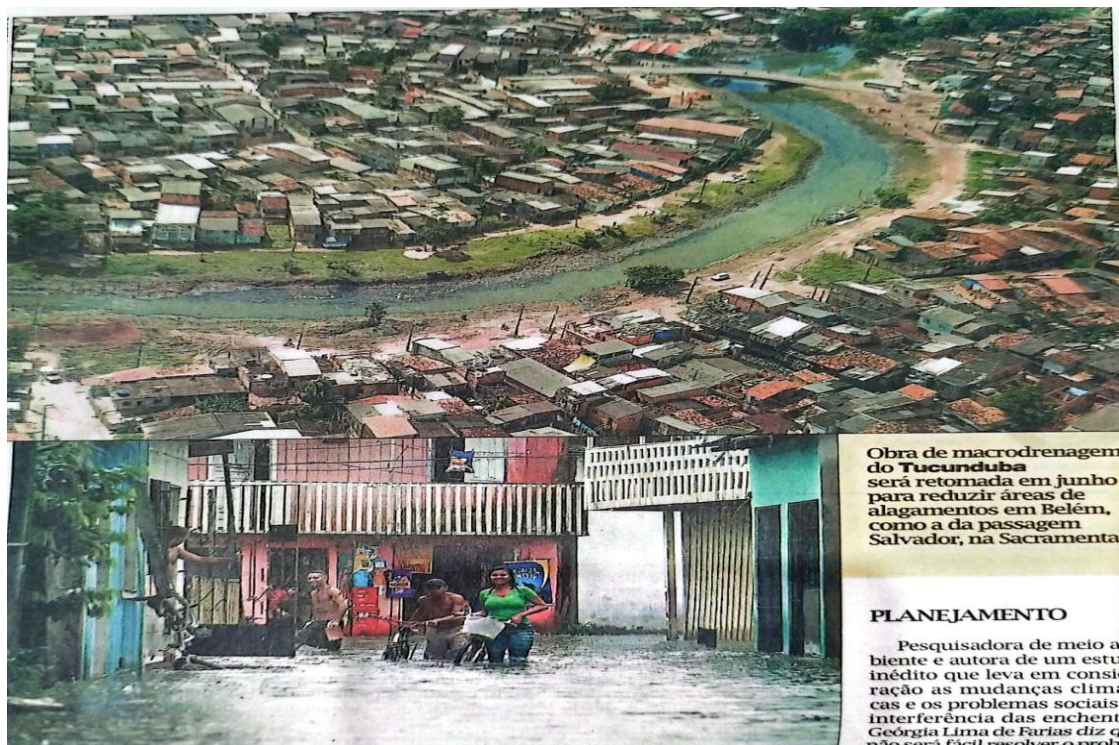
José Rodrigues e Luziane Luz (2024) apresentam um estudo sobre os riscos hidroclimáticos e as precipitações em Belém e atribuí as inundações do canal do Tucunduba aos aterramentos, estreitamentos de canais e estrangulamento por implementações de vias e desvios, como principais fatores que contribuíram para as áreas críticas de inundação. As inundações nas baixadas estão associadas aos canais onde o seu escoamento é lento e não atende a demanda do fluxo das águas, contribuindo para problemas de ordem sanitária e de saúde associadas à água contaminada, bem como a perda de bens materiais e patrimoniais (RODRIGUES, LUZ, 2004)

No jornal “O liberal” de 2012, relata sobre os problemas de alagamentos. “Apenas três anos de completar 400 anos, a cidade de Belém ainda convive, quase que diariamente, com alagamentos, tanto em bairros do centro, quanto na periferia”. As obras de intervenção urbanísticas iniciaram em 1987, e após 25 anos, os problemas em relação aos alagamentos perduraram, ainda sem solução. Outra reportagem apresenta a discordância de técnicos em relação à solução dos alagamentos.

Canais se comportas e com aterramento das áreas do entorno como aconteceu na macrodrenagem do tucunduba ou a instalação de bombas parece que são de água seriam as soluções para os constantes alagamentos em diversos pontos de Belém é o que afirma o estudo de Miguel Ibiriba o diretor da faculdade de engenharia sanitária da universidade federal do Pará os canais de Belém como conhecemos hoje foram projetos executado pelo departamento nacional de obras e saneamento dnos em 1941 em um plano geral de defesa para Belém baseado em dicas com comportas para impedir a entrada das Águas da maré nas áreas baixas e permitir a saída das Águas da chuva acumulada nos alagados quando a maré baixasse [...]Segunda Ibiriba esse sistema não é adequado para a região de Belém pois o reservatório de água é muito pequeno para comportar as grandes chuvas e marés o que causas alagamentos em diversos pontos da cidade a solução seria a criação de canais sem comportas ou a instalação de bombas tubulares e marginais para a sucção da água excedente o plano executado pelo DNA s não deu certo e os alagamentos continuam porque o canal não tem volume para armazenar a água da chuva afirma em Ibiribá (PÚBLICO, 2009).

Soares (2018) fala que os problemas de inundação estão diretamente ligados à urbanização implementada no território. As intervenções urbanísticas como a macrodrenagem, são expressões do planejamento neoliberal, com um desenvolvimento espacial desigual que move elementos e arcaicos para a solução de problemas acerca do desenvolvimento urbano. O planejamento urbano em Belém, visava adequar ao modernismo urbano do século XX, em que a natureza tende a ser ocultada para “higienizar” a cidade, incentivando a construção de Grandes Projetos, como a macrodrenagem (ROCHA, SOARES, SOARES, 2024). O Ideal de progresso e modernidade está devidamente atrelada a superação dos modos de vida, moradia e vivência das pessoas, bem como o controle das águas através de sua drenagem e aterramentos.

Figura 6 - Obra de macrodrenagem do Tucunduba e uma região alvo dos alagamentos em 21/04/2013



Fonte: Biblioteca do Centur, 2025.

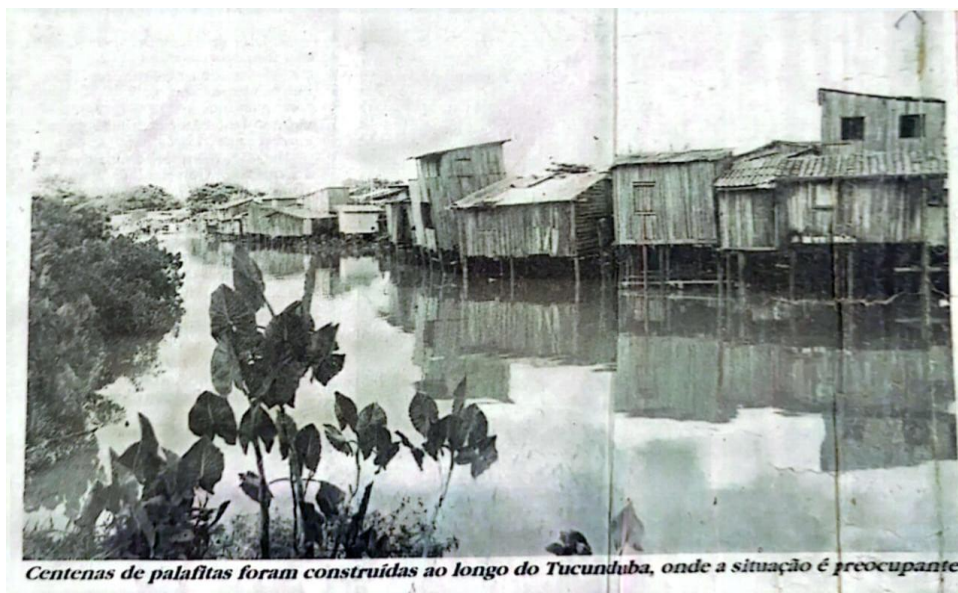
O jornal “O Liberal”, elucida o pensamento sobre modernidade e a superação do modo de vida dos moradores no trecho destacado:

“O impacto das alterações proporcionadas pela macrodrenagem na vida dos moradores também foi analisado pelos pesquisadores e mais três itens: o material de construção das moradias, o número de cômodos em cada habitação e a situação viária nas ruas asfaltadas pelas obras. Houve uma acentuada redução no índice de casa de madeira antes do início das obras 84% das casas eram de madeira com andamento das obras e consequentemente remanejamento dos moradores de áreas mais alagadas o número de casos de madeira das 311 famílias pesquisadas havia reduzido para 32%. Sendo inversa deu-se o percentual de casa de alvenaria se antes da macrodrenagem de casas de alvenaria corresponde apenas 9% do total depois do remanejamento das indenizações o percentual pulou para 64% (O LIBERAL, 01/04/2001, pp 6).

Através da pesquisa realizada pelo jornal, os parâmetros utilizados para legitimar uma “melhoria de vida” seria a construção de casas de alvenaria em detrimento das casas de madeira ou as chamadas “palafitas”. As palafitas são arquiteturas construídas de maneiras espontâneas, entrelaçando aspectos simbólicos do ambiente e vivências individuais e coletivas. As comunidades ao reproduzirem as palafitas às margens dos igarapés, rios e furos indica a resistência de uma cultura que se adaptou às terras baixas e alagáveis. Dessa forma, as palafitas surgem como um sistema que estabelece relação com materiais e técnicas em diálogo com o rio e com o conhecimento dos seus antepassados (MENEZES, PERDIGÃO, 2013) As palafitas são tecnologias desenvolvidas pela população amazônica para a convivência com as marés e o ciclo

dos rios. As palafitas são uma das técnicas e tecnologias que as sociedades amazônidas desenvolveram em diálogo com o meio em que vivem.

Figura 7 - Centenas de palafitas construídas ao longo do Tucunduba em 10/12/1995



Fonte: Biblioteca do Centur, 2025.

Ao ser apresentado a pesquisa acima, descreve como melhoria de vida nas casas de alvenaria em detrimento das palafitas. As casas nesse formato estão sempre associadas a pobreza, criminalidade e atraso e devem ser solucionadas e superadas para que as pessoas “vivam com dignidade”, legitimando a exclusão de práticas culturais e modos de vida tradicionais. Bulhões (2025) evidencia os conflitos vividos pelas populações tradicionais com uma classe econômica dominante, que manipula o discurso, assim como os valores simbólicos, para legitimar uma narrativa econômica e comercial, em nome do “progresso” e da “modernidade” que por muitas vezes mascara a exploração dos recursos naturais e a expropriação territorial.

Um exemplo da lógica comercial nas áreas afetadas pela macrodrenagem é a matéria de O Liberal que tem por título “Macrodrenagem vai supervalorizar os Imóveis”:

A urbanização de setores do macro Marco Pedreira telégrafo Sacramento que forem estão sendo alvos de melhorias implementadas pelo projeto de macrodrenagem da bacia do una fará com que as edificações de palafitas e até de alvenaria deixem de existir aos poucos nos próximos 10 anos para dar lugar grandes construções nessas áreas de Belém antes chamadas de baixadas [...] O fim dos imóveis de palafitas de alvenaria implica segundo o presidente do creci João Lemos Barbosa Neto o êxodo de moradores para bairros e conjuntos habitacionais mais afastados do centro a mudança de ambiente de moradia dos Barbosa é praticamente inevitável para as famílias a maioria delas carentes com melhoramento dos bairros e das ruas aquelas pessoas vão receber propostas de pessoas e com estruturas em muitos casos irrecusáveis e acabaram vendendo seus imóveis a tendência então a serem deslocadas para bairros mais afastados explicou ele lembrou que tal prática é antiga há 100 anos o bairro de Nazaré era de palafitas e lá houve processo semelhante ressaltou [...] Apesar de a produção projeção do cresce apontar para o mundo desenvolvimento

urbanístico nos espaços citados da macrodrenagem 10 anos hoje já se visualiza as primeiras construções que surgem como base de sustentação para o futuro da região é o caso de postos de gasolina supermercados e lojas de autopeças entre outras casas comerciais (O Liberal, 21/07/2002, pp 5).

O jornal traz em sua matéria uma conotação positiva em relação a supervalorização do terreno. são utilizados alguns adjetivos para compreender o fenômeno como: melhorias, supervalorização, urbanização. Assim como uma estimativa de que as casas de palafitas e de moradia sumiram em dez anos, com a população sendo “empurrada” para as margens e periferias da cidade. Está imbuído no discurso do jornal os ideais de um urbanismo neoliberal, que se vale da destruição criativa de espaços para atrair investimentos e novos projetos dos quais a nova paisagem “moderna” não tem espaço para o segmento mais pobre (SIQUEIRA, 2014) A lógica desenvolvimentista, presente no discurso, busca prover a instalação de grandes projetos de infraestrutura sem levar em consideração as consequências ocasionadas às populações locais, que veem seus direitos mitigados desde o acesso a serviços básicos.

Figura 8 - Famílias começam a deixar o Tucunduba em 11/01/2009



Fonte: Biblioteca do Centur, 2025.

Privados dos acessos à direitos básicos, às populações que vivem circundas ao rio Tucunduba, lidam com a lógica mercantilista presente no discurso dos jornais e no planejamento das obras, que desconsidera as vivências culturais e as relações sociais dos moradores com o Rio Tucunduba. No jornal destacado acima, umas das moradoras, a costureira Sônia, fala que já tinha sua casa e seu comércio, mas que precisa pensar na melhoria das outras pessoas, a partir de seu discurso é possível perceber que as relações que as pessoas tem com o

rio permanecem, e que os problemas socioambientais que circundam o território é o que move as populações de migrarem do local. O rio está entrelaçado ao imaginário, as memórias afetivas dos indivíduos, não envolve apenas domínio, controle político, ou monetário, mas envolve apropriação simbólica (SILVA, 2016). O espaço vivido na bacia do Tucunduba se apresenta de forma diferente ao modo de forma de vida programado, com o espaço vinculado ao rio de forma cultural. Mesmo afetado com o processo desordenado de urbanização da área, a poluição dos rios e as drenagens que o rio sofreu, a população ainda resiste em utilizar o rio para diversos fins, como é o caso da navegabilidade (SILVA, 2016). Como é o caso descrito pelo jornal Diário do Pará em 2008:

Na entrada do bairro do Guamá ao lado do Igarapé tucunduba há uma espécie de oração pintada na parede de uma casa “frei Daniel abençoe as pessoas que andam por esse rio” é o rio praticamente morto tucunduba mas que ainda é muito utilizado por barqueiros que vinham do interior trazendo madeira carvão e farinha as suas margens que divide os bairros do armário e da Terra firme o tratado de uma Belém pobre saneamento básico e como moradores oriundo em sua maioria de outros municípios para tentar a sorte na capital é um rio ainda navegável em grande parte que poderia ser revitalizado a projeto divisão dessa revitalização que ainda não saíram do papel ou saíram de forma incompleta (DIARIO DO PARÁ, 22/06/2008, pp 1).

Apesar do jornal ressaltar o Rio Tucunduba, como um rio “quase morto”, o igarapé Tucunduba ainda é uma via de circulação dos moradores. O comércio na área é principalmente de frutas regionais, madeira, tijolos, carvão e açaí. O fluxo de barcos, principalmente na São Domingos, é frequente sinalizando a importância socioeconômica do rio. É possível perceber a dinâmica da população em se aproximar do rio que se expressa como patrimônio, se apresentando como um bem individual e coletivo. Porém, com as intervenções ao longo dos anos na bacia do Tucunduba, como aterramentos, retificação, impermeabilização da superfície, as obras de macrodrenagem, desnaturalizam completamente o rio, o transformando em esgoto a céu aberto, drenando a vida do rio, bem como a sua navegabilidade, pesca e utilização dele para o lazer (SILVA, 2016).

Figura 9 - A região do Lago Verde recebendo as obras de macrodrenagem



Fonte: Instagram do Movimento Tucunduba pró Lago Verde.

Sendo assim, as obras de Macrodrainagem do Tucunduba se “arrastam” por mais de trinta e dois anos com diversos percalços e contradições. Nos jornais está presente um discurso liberal, excludente e que legitima o pensamento de uma classe dominante, bem como propagandas da macrodrainagem para o favorecimento de políticos e dos empresários que circundam a área com o objetivo comercial, não levando em consideração a vivência das populações circundadas ao rio. Em detrimento da propagação das notícias, a população requereu as obras, já que estavam sobre a ideia de que os problemas relacionados aos alagamentos, doenças, e a inclusão da população a sociedade, superando a “pobreza” seriam solucionados, porém, muito diferente do que veiculado pelos jornais a macrodrainagem não resolveu absolutamente os problemas, mas agravou a outros de cunho ambiental e social, adoecendo o rio, e prejudicando as relações da comunidade com o mesmo.

Desse modo é imprescindível a análise dos discursos midiáticos bem como as contradições presentes, como a permanência dos problemas socioambientais, espaciais e culturais. É preciso que a voz de outros atores sociais seja ouvida, bem como suas memórias e vivências sejam consideradas e respeitadas. A invisibilização dessas narrativas contribui para a reprodução de desigualdades históricas e para a marginalização contínua das comunidades locais. A escuta e o reconhecimento das práticas territoriais dos moradores são fundamentais para romper com a lógica de intervenção imposta de cima para baixo, privilegiando os processos participativos. Nesse sentido, torna-se essencial compreender, a partir das falas e percepções dos próprios moradores, como a macrodrainagem afetou suas formas de viver, de se relacionar com o território e de manter vivas suas culturas e tradições.

3. “O RIO QUE ESTÁ MORRENDO É NOSSO AVÔ”: MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS AFETADAS PELA MACRODRENAGEM NO IGARAPÉ TUCUNDUBA

Como ressaltado anteriormente, a formação da comunidade nas proximidades do rio Tucunduba, foi ocupada por famílias pobres, em um local que não acompanhava o planejamento urbano. A formação do bairro, às margens do Tucunduba, se mostra um espaço de segregação social e ausência de políticas públicas, que culminou em vulnerabilidade à população local, com situação precária de saneamento básico e degradação do meio ambiente. A Bacia do Tucunduba passou por diversas intervenções a partir da década de 1990, com forte participação de órgãos públicos e instituições de pesquisa. Em 1991, a Prefeitura Municipal de Belém (PMB) iniciou o “Projeto Básico de Aterramento de Áreas Urbanas Alagadas”, visando a melhoria da drenagem urbana, especialmente no bairro do Marco, sob execução da Secretaria de Saneamento – SESAN. Perpetuando a lógica mercantilista e econômica que não leva em consideração as questões sociais, ambientais e culturais, em detrimento da “modernidade” e do valor monetário. Diante desse cenário, é necessário compreender como as modificações sofridas pelo rio impactaram diretamente na memória e práticas culturais da comunidade, bem como a visão dos moradores em relação à macrodrenagem, as contradições em seu discurso e a memória e afetos da comunidade que resistem diante dos desafios enfrentados.

3.1. Memórias e relatos dos moradores

Antes das obras, só era mato na beirada, muito mato. Tinha umas árvores grandes de taperebá, que a gente pegava fruta. Aqui tinha uma olaria, aqui, aqui nesse prédio, na serraria. Aqui era um rio (apontando para a rua pavimentada, próximo aos apartamentos), um braço de rio. Antigamente o pessoal pescava aí, logo no começo, apanhava fruta. Tinha uma ponte que atravessava o rio. Aqui era invasão do Tucunduba e só era ponte (entrevista com o morador A, de 68 anos, no dia 05/06/2025).

O trecho a seguir, relata a memória de um dos moradores acerca do rio Tucunduba antes das intervenções das obras de macrodrenagem. A fala reflete o caráter subjetivo e afetivo do morador em relação às suas práticas culturais, como a pesca por lazer, o banho e a presença de árvores frutíferas. Através da fala do morador é possível notar que a memória está ligada ao sentimento de identidade, sendo constituinte desse sentimento, ela dá sentido tanto coletivamente quanto individualmente o sentimento de continuidade e coerência. (POLACK, 1992).

Aqui era tudo matagal, aqui tinha um rio, uma serraria. Tomei muito banho nesse Tucunduba, até peixe eu cheguei a pegar. Peguei camarão, peguei peixe. Dava muito camarão. Hoje em dia nem aquele peixe chamado Bacu dá aí, e olha que ele dá em qualquer canto. (Morador B do bairro, 66 anos, 05/06/2025).

Como observado pelo morador B, o rio é para o entrevistado o rio era um lugar de sociabilidade e práticas culturais e cotidianas como a pesca. Essas práticas culturais foram drasticamente afetadas pelas intervenções no rio, como sua poluição e retificação de suas margens, impossibilitando que as atividades cotidianas da comunidade pudessem ser praticadas, como ressaltado pelo morador: “hoje em dia nem aquele peixe Bacu, e olha que ele dá em todo canto”. O rio, é levado pela população como algo concreto e material, que expressa uma rede de interações sociais, tanto culturais quanto econômicas (PÁDUA, 2012). Após a implementação das obras de macrodrenagem, essas relações culturais e socioambientais, são duramente afetadas. O rio está enraizado ao imaginário e às memórias afetivas dos indivíduos e povos dos vários ecossistemas – florestal, agrícola ou urbano. É forte a noção que o ser humano tem direito à água, bem de natureza social (RODRIGUES, 2010). Por estar presente não apenas no espaço físico, mas na vivência das pessoas, a poluição e retificação do rio simboliza não só a perda física das águas, mas a da memória. Polack (1992), nos apresenta o conceito de memória como um fenômeno coletivo e social, ou seja, construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes. Isso evidencia as diferentes práticas cotidianas marcadas na memória e vivência dos moradores.

Eu lembro, assim, que teve uma vez que eu até comentei com o vizinho meu lá: “Como é que pode eu ter tomado banho nesse rio?” Mas esse vizinho me falou: “É que tu não te lembra que, há muitos anos atrás, isso aqui era igual uma praia? Era tudo limpo, o pessoal todinho vinha de muito longe, vinha pra praia. Tu tomava banho no rio, o pessoal vinha tomar banho, trazia suas cadeiras e ficava. (moradora C, 48 anos, 05/06/2025).

Conforme apresentado pela moradora C, houve uma mudança direta em sua memória em relação ao rio, atravessada pela imagem do rio poluído em detrimento do rio antes desse processo. Pierre Nora, fala sobre os momentos de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação, ou seja, em muitas situações os lugares de memória, são pedaços da história particular de um grupo ou de indivíduo, são dilaceradas por questões políticas, econômicas que silencia a sua história (NORA, 1993). O esfacelamento da memória presente no discurso da moradora que se dá pelos problemas de saneamento enfrentados e pelo discurso midiático que transforma rios em canais. Como salientado anteriormente nos jornais está presente, um discurso sobre que almejavam enquadrar Belém nos ditames de progresso e civilização, os rios e igarapés não ornavam com a cidade que queriam construir, pelo contrário, eram propagadores de doenças e enfermidades e portanto, era de suma importância o processo de canalização para a ocultação das águas dos olhos dos habitantes (ALMEIDA, 2010). O discurso da

macrodrenagem foi forjado para o favorecimento de políticos e dos empresários que circundam a área com o objetivo comercial, não levando em consideração a vivência das populações circundadas ao rio.

3.2. Dilemas e contradições: os problemas enfrentados após a implementação das obras de macrodrenagem

A seguir, será apresentado a fala de uma moradora acerca dos impactos sobre a obra de macrodrenagem.

Lembro um pouco como era o rio. Era cheio de casa na beira do rio, tinha até uma vila que era só ponte. Aqui era muito perigoso antigamente, mas a gente agradece, porque, graças a Deus, depois que fizeram o canal, parou mais, acalmou mais. (moradora do bairro, 30 anos, entrevista D 23/05/2025).

Conforme destacado pela moradora, após as obras de macrodrenagem, houve melhoras relacionadas aos alagamentos e a questões de moradia, com a retirada de pessoas em vulnerabilidade, para apartamentos em outra região. Segunda a moradora, em determinadas partes do bairro, onde passou as obras de macrodrenagem, os alagamentos reduziram. Segundo Silva (2020), no perímetro do canal Celso Malcher, onde mora a entrevistada D, se verificou que os alagamentos reduziram devido a vazão comportar o escoamento das águas pluviais, as obras realizadas nesse perímetro do rio, comportam o volume das águas (SILVA, 2020). Porém, a questão dos alagamentos continua sendo uma realidade em muitas partes do trecho do rio. Ao serem perguntados sobre o saneamento básico e qualidade após a canalização do rio Tucunduba, um dos moradores falou “Com certeza piorou, por que o rio tá bem mais poluído. Melhorou para as pessoas que saíram das casas de palafita, mas agora tá bem mais poluído que antes” sinalizando que a questão da poluição, não foi resolvido com a canalização. Outra moradora relata problemas relacionados a saneamento básico.

A rua tá abandonada, só lama. Chama o carro (motorista de aplicativo) e eles não querem entrar. Ele nunca esteve tão poluído como tá agora. Tem tanto lixo em algumas partes que nem dá pra entrar. Acaba que as obras não cumprem o que prometeram em relação aos alagamentos. Alaga muito. (Entrevistada F, 60 anos, 05/06/2025).

As obras de macrodrenagem, após anos, não cumprem devidamente acerca dos problemas de saneamento básico, comprometendo a qualidade de vida das pessoas. Os problemas dos quais a macrodrenagem, solucionaram, não foram solucionados e permanecem para os moradores. O grau de poluição e degradação, advindos dos processos de urbanização aumentou consideravelmente, a vegetação nativa retirada e alguns cursos foram totalmente modificados, contribuindo para a “morte do rio” (SILVA, 2016).

Segundo Rocha (2024) aponta as limitações do sistema de microdrenagem as chamadas drenagens antrópicas criadas pela sociedade no que tange a escoamento subterrâneo na bacia do Tucunduba, significando assim, que as áreas que passaram pela brusca intervenção dos projetos macrodrenagens não conseguiram sanar problemas básicos de microdrenagem os problemas estruturantes na microdrenagem dos bairros que compõem a bacia do tucunduba. Resulta em alagamentos, resíduos sólidos no rio, problemas de saneamento básico. A macrodrenagem não soluciona os problemas que estão nas redes de drenagem urbana, pois suas obras de drenagens foram feitas sem correlacionar com o paisagismo socioambiental, a integração do que representa os corpos d'água que estão presentes no dia-dia. Por conta disso as chuvas contribuem no aumento dos canais fluviais levando ao aumento do nível de leito do igarapé e por consequência à inundação das casas nas margens do rio. A drenagem e canalização não solucionou os alagamentos em alguns trechos por onde perpassa o rio (SILVA, 2016).

Outra questão apresentada pela entrevistada D, foi o remanejamento dos moradores das margens do rio. Monique Leão, apresenta em seu trabalho, sobre o remanejamento dos moradores, e as contradições do discurso sobre o remanejamento. A priori, o discurso sobre o remanejamento se apresenta como uma melhoria de vida e oportunidade de mudança. A autora apresenta as principais dificuldades apresentadas pelos reassentados de Belém referente ao acesso ao emprego, dificuldades ao acesso de transporte, as despesas que uma regulamentação traz, como luz e água. A própria qualidade arquitetônica e urbanística dos conjuntos para onde são realocados (LEÃO, 2013).

No caso do remanejamento dos moradores do Tucunduba, o projeto visava a construção de moradias e melhorias, que buscavam a valorização dos aspectos sociais e culturais dos moradores, buscando a colaboração de moradores no projeto.

Alguns moradores também sinalizaram de forma positiva a questão das obras, porém houve dificuldades em reassentar os moradores próximos ao local, realocando ao conjunto Eduardo Angelim, construído em Icoaraci, porém os moradores reivindicaram para permanecer na área. Levando alguns para permanecer na área por aluguel baixo e outros levados a muito distante do seu local. Porém com mudanças no projeto, como a verticalização para a solução habitacional e a mudança na participação social, desagradou a população. Os moradores remanejados, sofreram com a demora para receber suas moradias definitivas, fazendo com que dependessem de auxílio-aluguel oferecido pela prefeitura, levando a vulnerabilidade social das famílias (LEÃO, 2013).

O recenseamento, trouxe pontos positivos em relação ao projeto urbano, como introdução de linha de ônibus e acesso a coleta de lixo, abastecimento de água e energia elétrica,

em algumas partes. Porém, as moradias não atendem o modo cultural e social dos moradores do Tucunduba e muitos, enfrentam os problemas de realocação até hoje, como listado pelo morador a seguir:

Gente, a água é um caos, não é boa. Muitos saíram, muitos foram deslocados, teve gente que até morreu sem receber o benefício, sem receber as casas. Até hoje tem gente esperando essas casas e não conseguiu. (Sente falta desse igarapé?) Senti, a gente sente. Entrava barco que ia até a Vileta, lá em cima, e hoje em dia nada. Facilitava muito o trabalho (Morador B do bairro, 66 anos, 05/06/2025).

Como apresentado pelo morador, os problemas em relação a implementação da macrodrenagem perduram, em relação a moradia, os problemas no recenseamento perduram com moradores sem conseguir suas casas. Como ressaltado anteriormente, ao promover a instalação de Grandes Projetos, como a macrodrenagem, atende a uma lógica desenvolvimentista sem levar em consideração as consequências ocasionadas às populações locais, que veem seus direitos mitigados desde o acesso a serviços básicos, com a população sendo “empurrada” para as margens e periferias da cidade (SIQUEIRA, 2014).

As controvérsias presentes na implementação das obras de macrodrenagem no Tucunduba é fruto de um palco de conflitos socioambientais devido a uma lógica mercantilista que produz degradação ambiental, disputa territorial e exclusão socioespacial. Através da Ecologia Política, é possível religar partes desconectadas como sociedade e meio ambiente, e refletir sobre as desigualdades e conflitos socioambientais presentes no Tucunduba. Esse território está em constante disputa, de acordo com a necessidade de cada grupo, como a disputa narrativa sobre ciência, território, saberes e riquezas naturais. A Região Metropolitana de Belém, não foge a esse discurso de uma urbanização que desconsidera tanto espaço físico e valores culturais em sua dimensão territorial, causando impactos ambientais, formando “Zonas de Sacrifício” (LEFF, 2018) onde o modelo econômico se sobrepõe a grupos sociais vulneráveis e aos modos de vida da população (FARIAS, MALATO, 2022).

A população teve sua vivência diretamente afetada pelas obras de macrodrenagem. Os impactos positivos que a obra trouxe, estão presentes em apenas algumas partes do trecho do rio, enquanto os outros estão lidando com a poluição, falta de saneamento básico, acesso a água e a moradias. Bem como suas práticas culturais, como o banho no rio, a pesca e a moradia não foram respeitadas. Sendo assim, O Tucunduba se estabelece como um palco de conflitos e contradições, o discurso empregado de melhorias após a macrodrenagem, não corresponde à realidade dos moradores na atualidade. As obras causaram impactos significativos na vivência de seus moradores que viram seus saberes e vivências sendo desconsiderados em nome de uma obra que apenas atende a lógica mercadológica. Segundo Polack, a memória também é seletiva,

nem tudo fica gravado ou registrado. Ela sofre mutações e estruturações, ao ser enquadrada por determinado grupo social. Ela é um fenômeno construído socialmente. Portanto, a construção dessa identidade, está em constante negociação com o outro, em confronto, o que faz que a memória e identidade estejam em constante disputa em conflitos sociais e grupais (POLACK,1992). Ao permitir intervenções, que “matem o rio” não apenas seu espaço material é afetado, mas como toda a dimensão simbólica para a comunidade.

3.3. O rio que resta: memória e afetos da comunidade

Apesar da poluição e da retificação de algumas partes do curso de água, a população ainda procura manter viva, algumas práticas cotidianas e culturais com o rio utilizando o rio como uma via de circulação e até mesmo lazer:

[...] Tomava muito banho. Era assim: antes de fazer um monte de casa, era bem legal, mas começaram a fazer casas dentro do igarapé e começaram a jogar lixo no rio. Hoje, são bem pouquinhos pessoas que tomam banho, e é em época — janeiro, fevereiro, maré alta — quando tá enchendo. Até meu marido toma banho, se jogou aí nesse igarapé. Mas só quando tá enchendo; quando tá vazando, é uma tristeza: é sofá passando, é cavalo, é geladeira... é muito triste de ver. [...] Olha, pra mim significa... porque eu acho muito legal, muito bonito, a gente tá perto da natureza, perto do rio. Seria tão bom se limpasse. Vocês não têm ideia do que é morar aqui perto, é muito bom, mesmo com toda a poluição. (Entrevistada F, 60 anos, 05/06/2025).

Mesmo diante de uma situação calamitosa, em relação a poluição, o rio Tucunduba, continua sendo um patrimônio do qual, as pessoas procuram manter seus laços culturais e sociais, mesmo que em meio ao perigo de contaminação. As pessoas da comunidade, tomam banho, conversam no leito do rio debaixo das árvores e mantém a navegabilidade pelo curto trecho do rio. Rodrigues (2010) acrescenta que o uso do espaço pelas pessoas é expresso na relação cotidiana com os diversos igarapés. Os usos dos recursos hídricos como um bem social é um elemento de resistência ao processo de privatização e “escassez hídrica”. A produção alternativa dos lugares sugere uma resistência, reafirmando o uso da água, como de caráter eminentemente social (RODRIGUES, 2010). As obras afetaram drasticamente as relações socioambientais dos moradores, que mesmo em meio a poluição e os problemas gerados pela macrodrenagem, procuram manter viva suas tradições e costumes, como tomar banho no rio, a navegabilidade em poucos trechos, uma forma de manter sua cultura viva, “mesmo que respirando por aparelhos”.

Os rios compõem histórias, elencam personagens e evocam memórias. São os rios também frutos dos nossos olhares, vivência e relações. Completando, os rios podem ser muito mais frutos de nossas ações e de nossas histórias do que apenas um elemento na paisagem de nossa percepção. Enfim, é o rio este ente concreto aos nossos sentidos e também um “quê” abstrato em nossos pensares. O rio Tucunduba, para a comunidade é mais que parte da

paisagem, mas tem uma dimensão simbólica ampla. O rio na história é visto como o limite, separação, ou como o elemento de ligação, modelador do espaço humano, repleto de valores, simbolismos, referência filosófica, metáfora poética, elo de organização do espaço, arcabouço completo para a pesquisa quando observada a inter-relação sociedade e natureza (FONSECA 2017) O rio é mais que suas águas, é memória e vivência de uma sociedade.

Ailton Krenak, em sua obra “Futuro Ancestral” nos leva a refletir sobre a possibilidade de um futuro ao se basear nas memórias e ancestralidades, de que nesse mundo capitalista, em que o modelo comercial destrutivo, impera, é preciso garantir o futuro ao visitar suas memórias e ancestralidades. Para isso ele tece a crítica com base na sua cosmovisão acerca do Rio Watu:

[...] O rio doce, que nós, os Krenak, chamamos de Watu, nosso avô, é uma pessoa e não um recurso, como dizem os economistas. Ele não é algo que alguém possa se apropriar; é uma parte da nossa construção como coletivo que habita um lugar específico. {...} Essa humanidade que não reconhece que aquele rio que está em coma é nosso avô {...} Quando despersonalizados o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos seres humanos, nós liberamos esse lugares para que se tornem resíduos de atividade industrial e extrativista. (KRENAK, 2019).

Krenak leva a reflexão, que os rios dos quais temos acesso, portam memórias, vivências e modos de cultura, de gerações que viveram, pescaram e tomaram banho em suas águas. O rio Tucunduba, pertence a comunidade e faz parte da memória e vivência das pessoas. Um patrimônio natural que está em “coma” e que porta a memória e vivência da comunidade que o circunda. A prioridade de qualquer obra pública deve ser social, dirigindo para a necessidade coletiva da população. A finalidade desse trabalho é para enfatizar que ao transformar rios, em canais- esgotos, não só são suas águas que perecem, mas a vivência, memória e cultura de uma sociedade.

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, buscou-se compreender os efeitos da macrodrenagem na memória e na vivência da população residente nas margens do rio Tucunduba. Partiu-se da hipótese de que, embora apresentada como solução para os problemas estruturais da região, a obra impactou profundamente os modos de vida e as relações simbólicas estabelecidas entre a comunidade e o rio. A análise dos discursos oficiais, jornalísticos e, sobretudo, das falas dos moradores, revelou contradições marcantes entre a narrativa do progresso e a realidade social.

Os relatos dos entrevistados evidenciam que o rio Tucunduba representava mais do que um espaço físico: ele era espaço de afeto, lazer, subsistência, cultura e pertencimento. Com a intervenção da macrodrenagem, muitos desses vínculos foram fragilizados ou rompidos. A obra, ao transformar o rio em canal e ao retirar famílias das margens, produziu não apenas danos ambientais, mas também a perda de referências simbólicas fundamentais para a identidade

local. A memória coletiva foi afetada por uma lógica que prioriza o lucro e a “valorização imobiliária”, em detrimento do reconhecimento de saberes, práticas e histórias comunitárias.

Embora algumas melhorias pontuais tenham sido identificadas — como a diminuição dos alagamentos em certos trechos —, os problemas estruturais persistem. A falta de saneamento básico, a poluição e o reassentamento precário continuam a afetar negativamente a qualidade de vida da população. A promessa de “urbanização” e “modernização” não se concretizou de forma igualitária, e os benefícios foram seletivos, muitas vezes impulsionando a valorização comercial das áreas e aprofundando os processos de exclusão.

Este trabalho contribui para o reconhecimento da importância de ouvir e valorizar as vozes das comunidades impactadas por grandes projetos urbanos. A escuta dos moradores revelou memórias em disputa, afetos silenciados e práticas de resistência. A ecologia política permite compreender que a transformação do espaço urbano, quando conduzida sem participação social efetiva, produz zonas de sacrifício humano e ambiental. Conclui-se, portanto, que a macrodrenagem do Tucunduba representa um caso emblemático de intervenção urbana que, ao tentar controlar as águas, negligenciou a complexidade das relações entre sociedade e natureza. Como nos alerta Ailton Krenak, ao despersonalizar os rios, perdemos também parte da nossa própria humanidade. O Tucunduba, embora adoecido, continua a ser um símbolo de resistência e ancestralidade para aqueles que insistem em lembrar que “o rio que está morrendo é nosso avô”.

REFERENCIAS

- ALMEIDA, Conceição Maria Rocha de.** *As águas e a cidade de Belém do Pará: história, natureza e cultura material no século XIX*. 2010. Tese – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Belém, 2010.
- BULHÕES, Clever Cley Corrêa et al.** Progresso e tradição: implicação e resistência geoespacial para a preservação da cultura e biodiversidade em comunidades na Amazônia Metropolitana. *Journal of Media Critiques*, v. 11, n. 27, p. e178–e178, 2025.
- CASTRO, Avelina Oliveira de; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos.** História, discursos e relações de poder nas páginas de *O Liberal*. *Encontro Nacional de História da Mídia*, v. 9, 2013.
- CONSÓRCIO PROJETOS TUCUNDUBA.** *Plano de desenvolvimento da Bacia do Tucunduba: Volume IV – Drenagem*. Belém: Governo do Estado do Pará, SEURB, Prefeitura Municipal de Belém, 2004. 177 p.
- DE FARIAS, Andre Luis Assunção; MALATO, Aline Pantoja.** Conflitos socioambientais de grandes projetos urbanos: disputas desiguais no território metropolitano de Belém-PA. *Universidade e Meio Ambiente*, v. 7, n. 1, p. 32–51, 2022.
- DE MIRANDA ROCHA, Gilberto; ARAÚJO SOMBRA SOARES, André; ARAÚJO SOMBRA SOARES, Daniel.** Águas na cidade de Belém, Brasil, natureza, urbanização e política pública. In: DE MIRANDA ROCHA, Gilberto; ARAÚJO SOMBRA SOARES, André; ARAÚJO SOMBRA SOARES, Daniel. (Org.). *Água, cidade e governança*. Belém: NUMA/UFPA, 2024. p. 288. ISBN 9786588151266.
- DIAS JR., José do Espírito Santo.** *Cultura popular no Guamá: um estudo sobre Boi-Bumbá e outras práticas culturais em um bairro de periferia de Belém*. 2009. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2009.
- DO ROSÁRIO GREGOLIN, Maria.** Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. *Comunicação, Mídia e Consumo*, v. 4, p. 11–25, 2007.
- DOS SANTOS MENEZES, Tainá Marçal; PERDIGÃO, Ana Klaudia de Almeida Viana.** *Modo de habitar amazônico em sistemas: aproximações com o tipo palafita*. Salvador, 2013.
- FOUCAULT, Michel.** *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Loyola, 1996.
- KRENAK, Ailton.** *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- LEÃO, Monique Bentes Machado Sardo et al.** *Remoção e reassentamento em baixadas de Belém: estudos de caso de planos de reassentamento (1980–2010)*. 2013. [Dissertação] – [UFPA], Belém, 2013.
- LEFF, Enrique.** *Ecologia, capital e cultura: a territorialização da racionalidade ambiental*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- MACEDO, Cleonice Meireles de.** *Meio ambiente na percepção dos moradores das ocupações Riacho Doce e Pantanal na bacia hidrográfica do igarapé Tucunduba – Belém – Pará*. 2008. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Belém, 2008.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Ser jornalista: a língua como barbárie e a notícia como mercadoria*. São Paulo: Paulus, 2009.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, n. 10, p. 7–28, dez. 1993.

PAMPLONA XIMENES PONTE, Juliano; DOMINGUES DAS NEVES BRANDÃO, Ana Júlia. Urbanização de favelas e drenagem urbana na Região Metropolitana de Belém. In: *III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo: Arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva*. 2014. p. 1–14.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da História Ambiental. *Estudos Avançados*, v. 24, n. 68, p. 81–101, 2010.

PÁDUA, José Augusto; CHAMBOULEYRON, Rafael. Dossiê: rios e sociedades. *Revista Brasileira de História*, v. 39, n. 81, p. 15–24, 2019.

PENTEADO, Antonio Rocha. *Estudo da geografia urbana*. Séries José Veríssimo. Belém: UFPA, v. I–II, 1968.

PINHO, Rudá Silva de. "É assobio de Matinta", é presságio de visagem: notas sobre memórias e mitos em um estudo etnográfico no bairro do Guamá – Belém/PA. 2019. Dissertação – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, Belém, 2019.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, p. 3–15, 1989.

ROCHA, Talita Soares et al. Análise de qualidade das águas do Igarapé Tucunduba dentro da área urbana da UFPA, Campus Guamá – Belém (PA). *Revista Foco*, v. 16, n. 9, p. e2984–e2984, 2023.

RODRIGUES, E. B. *Território e soberania na globalização: Amazônia, jardim de águas sedento*. São Paulo: [USP], 2010.

RODRIGUES, F. C. C.; FONSECA, M. F. Produção e organização do espaço urbano: impactos socioambientais na orla da Estrada Nova de Belém. *Revista Terceira Margem Amazônia*, v. 2, n. 7, p. 1–37, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://www.revistaterceiramargem.com/index.php/terceiramargem/article/view/127/112>. Acesso em: 8 jul. 2025.

RAMOS, José Messiano Trindade. *Entre dois tempos: um estudo de caso sobre o bairro do Guamá / Escola Frei Daniel / Patrono* – Belém, 2002.

SILVA, Ana Luiza de Araújo et al. Uso da água na bacia urbana do igarapé do Tucunduba – Belém–PA. 2016. Dissertação, UFPA.

SILVA, Ana Luiza de Araújo; ROCHA, Gilberto de Miranda. Cidade e água: a produção do espaço na bacia do igarapé do Tucunduba em Belém–PA. *Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional*, Blumenau, v. 7, n. 1, p. 91–114, 2019. Disponível em: <https://www.furb.br/rbdr>. Acesso em: 8 jul. 2025.



Serviço Público Federal Universidade Federal do Pará
Campus Universitário de Ananindeua
Faculdade de História
ANEXO I – QUESTIONÁRIO

	QUESTIONÁRIO
MEMÓRIAS DO RIO TUCUNDUBA ANTES DAS INTERVENÇÕE S:	- Quais são as lembranças que você tem do rio no tempo em que você era criança? - Você veio pra cá na infância, ou quando já era adulto?
VIVÊNCIAS COTIDIANAS E USOS DO RIO	- Quais atividades você ou seus vizinhos costumavam fazer no rio (brincadeiras, pesca, transporte, comércio, rituais, etc.)? - o que foi marcante nesses momentos para você? Quais as lembranças que você tem desses momentos em relação ao rio? - O que mudou na sua relação com o rio ao longo dos anos?
PERCEPÇÕES SOBRE A MACRODRENA GEM E SUAS CONSEQUÊNCI AS	-Você sabe o que é a macrodrenagem? - Quando as obras de macrodrenagem começaram, como você ficou sabendo? - Como você se sentiu diante das obras? Foi consultado ou informado de alguma maneira? - Na sua visão, o que melhorou e o que piorou após as obras? - Você acredita que as obras elas levaram em consideração o modo de vida das pessoas desse lugar?
IMPACTOS SOCIAIS E AMBIENTAIS PERCEBIDOS	-Com as obras, melhorou ou piorou (alagamentos, esgotos, vegetação, qualidade da água)? Quais? - Vocês sentiram alguma mudança no modo de vida da sua família? - Houve algum tipo de deslocamento ou reassentamento de moradores? Pode contar como foi?
O RIO TUCUNDUBA HOJE	- E o rio para você? O que ele significa? - O rio ainda tem alguma importância para a comunidade? - Quanto a situação do rio, você acha que deveria ter alguma modificação de alguma ação ou obra do governo?

